

## ALGUMAS NOTAS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

### SOME NOTES ON GRAMMATICALIZATION IN ROMANCE LANGUAGES

Vânia Cristina Casseb Galvão

<vaniacassebgalvao@gmail.com>

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araraquara, São Paulo, Brasil.

Profa. Universidade Federal de Goiás, campus Goiânia, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4483153034836149>

Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo

<celiamarciagn@hotmail.com>

Doutoranda – Doutorado em Estudos Linguísticos, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/2604409717028606>

#### RESUMO

Este artigo constitui-se de uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a artigos científicos, portanto, consiste em um artigo de revisão que aborda discussões de trabalhos acerca do processo de gramaticalização em línguas românicas. Três artigos são apresentados. O primeiro trata de graus de gramaticalização entre línguas românicas; o segundo aborda a gramaticalização de preposições desde o latim até o Português, e o terceiro estuda a gramaticalização do item “mesmo” em sua mudança nas línguas românicas. A relação com os princípios de Tipologia Linguística é oportuna no sentido de que a Tipologia se caracteriza como um recurso metodológico de análise que favorece a comparação de um mesmo fenômeno linguístico entre línguas distintas, viabilizando a descrição de padrões linguísticos universais. Durante o processo de pesquisa para a escrita deste artigo, foi possível perceber a escassez de estudos tipológicos sobre gramaticalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização; línguas românicas; Tipologia Linguística.

#### ABSTRACT

This paper consists of a literature review based on specialized periodicals, therefore, consists of a review article about the grammaticalization process in Romance languages. Three papers are presented. The first deals with degrees of grammaticalization between the Romance languages; the second addresses the grammaticalization of prepositions from Latin to Portuguese, and the third studies the grammaticalization of the term “mesmo” in its change in Romance languages. The relationship with the Linguistics typology principles is timely in the sense that the typology is characterized as an analysis methodological resource that favors the comparison of the same linguistic phenomenon among different languages, enabling the description of universal linguistic standards. During the research process for the writing of this paper, it was possible to notice the lack of typological studies on grammaticalization.

**KEYWORDS:** Grammaticalization; Romance languages; Linguistic typology.



## 1 INTRODUÇÃO

A escolha por pesquisar processos de gramaticalização ocorreu devido ao interesse, como pesquisadoras da língua portuguesa, em estudar o caráter dinâmico da língua e a fluidez do sistema, em que uma única forma propicia variadas funções. Já a opção por investigar sobre línguas românicas se deu pelo fato de que se aproxima ao escopo de estudos desenvolvido por nosso grupo de pesquisa.

Além dessa parte introdutória, o artigo é composto por mais três seções. A seção “Princípios teóricos” tem por objetivo elucidar sobre conceitos e conteúdos basilares ao assunto ora abordado neste texto. Desse modo, trazemos breves discussões acerca do âmbito da Linguística denominado Funcionalismo, no qual se insere os estudos sobre gramaticalização. Discutimos também sobre o processo de gramaticalização e o que a ele está relacionado; e, por fim, destacamos alguns aspectos pertinentes à Tipologia Linguística.

No tópico “Pesquisas sobre gramaticalização em línguas românicas” são apresentados alguns trabalhos que abordam sobre casos de gramaticalização por meio de estudo comparativo entre línguas românicas. O critério adotado na seleção dos trabalhos expostos nessa seção foi a presença de comparação entre línguas românicas quanto à gramaticalização, o que, de certo modo, os aproximam de estudos com abordagem tipológica.

Para finalizar, a seção “Considerações finais” traz algumas percepções sobre a revisão realizada neste artigo, bem como apresenta sugestões para trabalhos futuros.

## 2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

### 2.1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

A corrente linguística funcionalista, ou Funcionalismo Linguístico, interessa-se em analisar a língua em uso e interpretar as regularidades observadas na interação linguística, considerando as condições discursivas que motivam a realização dos fatos da língua. Portanto, pesquisas nesse ramo compreendem que as transformações das formas linguísticas na sociedade não se limitam a aspectos formais (embora seja pertinente observar a estrutura gramatical), mas, sobretudo, ao uso da língua nas práticas sociais.

O Funcionalismo Clássico defende a noção de que a estrutura das línguas é determinada parcialmente por suas funções, conforme explicação de Gonçalves, Lima Hernandez e Casseb-Galvão (2007, p. 179-180):

Num sentido amplo, função diz respeito ao papel da linguagem na vida dos indivíduos; há uma ideia de universalidade e variabilidade (NEVES, 1997). E a concepção de língua envolvida é a de atividade social, que não existe por si mesma, mas em virtude do uso para fim de interação entre os seres humanos. Assim, as estruturas linguísticas expressam funções, e cada função é um diferente modo de significação. Logo, a organização interna das línguas é funcional, a organização sistêmica é função das necessidades comunicativas [...].

Tal como citado, na vertente funcionalista, a língua é concebida como um produto da atividade interativa que reflete as necessidades comunicativas do falante e, por isso, é flexível e sujeita a sofrer pressões constantes de uso. De igual modo, a gramática é compreendida como dinâmica e em frequente processo de mudança.

A despeito da existência de distintas perspectivas de estudos funcionalistas, de modo geral, os funcionalismos admitem o postulado da não autonomia da língua, o que implica na constatação de que a gramática, para ser melhor compreendida, não pode ser abordada de modo isolado sem considerar fatores como “cognição”, “comunicação”, “processamento mental”, “interação social”, “cultura”, “mudança” e “variação”, “aquisição e “evolução” (tal como propõe GIVÓN, 1995).

No rol de fenômenos linguísticos pelos quais se interessam os estudos de abordagem funcionalista, está a gramaticalização. Na seção seguinte, discorreremos sobre ela.

## 2.2 GRAMATICALIZAÇÃO

A gramaticalização consiste num processo de mudança linguística intrinsecamente relacionado aos usos da língua, por isso, os estudos voltados para essa vertente integram as pesquisas de cunho funcionalista. Meillet é reconhecido como o inventor do termo “gramaticalização”, primeiramente utilizado em 1912, em seu trabalho denominado *L'évolution des formes grammaticales*, no qual definia gramaticalização como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1948 [1912], p. 131, tradução nossa).<sup>1</sup>

Rosário (2010) discute que a grande relevância dada a Meillet não se vincula apenas ao fato de ter criado o termo, mas, sobretudo, por ter ressaltado os estudos de gramaticalização como fundamentais na ciência da linguagem e persistido na ideia de *continuum*, utilizada ainda hoje para expressar a transição de itens lexicais para itens com função gramatical. Além disso, soma-se às contribuições do autor a constatação de que, na medida em que há um aumento na frequência de uso, inversamente, ocorre a perda do valor expressivo das palavras.

*A priori*, neste artigo, entende-se gramaticalização como um tipo especial de mudança que se reconhece quando, respectivamente, um item/construção lexical se torna um item/uma construção gramatical, ou quando um item/construção gramatical se torna ainda mais gramatical, podendo mudar de categoria sintática, receber propriedades funcionais na sentença, adquirir alterações semânticas e fonológicas (conforme HOPPER, 1991; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

Por muito tempo, a gramaticalização foi considerada um processo unidirecional, o que previa que as mudanças linguísticas ocorrem num *continuum*, “[...] operadas sempre da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, [+concretas], para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [-concretas]” (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES e CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 40). Alguns estudos, todavia, buscam comprovar que nem sempre esse processo é unidirecional e ocorre, necessariamente nessa ordem (concreto > abstrato). Tais estudos são considerados por Heine *et al* (1991) como casos de degramaticalização ou regramaticalização os quais, à época, os autores abordavam como resultados de análises inadequadas.

As pesquisas sobre gramaticalização, inicialmente consistiam em investigar apenas itens linguísticos. À medida que esses estudos foram se desenvolvendo, assumiam uma abrangência maior

<sup>1</sup> No original: *l'attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome*.

de análise até chegar à consideração de que pode ocorrer a gramaticalização de unidades que se constituem por mais de um item, compondo uma construção. Nesse sentido, Bybee (2003, p. 602) acrescenta aos estudos sobre esse tópico que a gramaticalização não se resume ao “[...] processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular” (tradução nossa)<sup>2</sup>. Ou seja, deve-se falar em gramaticalização de uma construção, como um todo de sentido e forma. Construções estas, que podem consistir em uma estrutura maior do que um item e menor do que uma oração, geralmente não-segmentável.

Assim, pressupõe-se que “[...] as estruturas sintáticas das línguas não podem ser descritas apenas por critérios morfossintáticos ou pelas propriedades semânticas dos elementos que as compõem, o significado da construção não equivale à soma dos significados das unidades que apresenta” (MARTELOTTA, 2010, p. 57). Essa perspectiva de análise linguística compõe parte de um recente panorama teórico denominado “Gramática de Construções” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013)<sup>3</sup>.

Na base dos estudos de gramaticalização sob a perspectiva clássica, Heine *et al* (1991) propõem a existência fundamental de três estágios que compõem os contextos de mudanças na interpretação de um enunciado, são eles:

Estágio 1: Em adição a seu sentido focal e nuclear A, uma dada forma linguística F adquire um sentido adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em ambiguidade semântica uma vez que os sentidos de A ou B também podem ser implicados no contexto C [...].

Estágio 2: A existência do sentido B agora torna possível para a forma relevante a ser usada em novos contextos que são compatíveis com B mas desconsideram o sentido A.

Estágio 3: B é convencionalizado; ele pode ser dito formar um foco secundário caracterizado por propriedades contendo elementos não presentes em A (cf. Dahl 1985:11) – com o efeito que F agora tem duas “polissemias”, A e B, que podem

<sup>2</sup> No original: *process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is important to say that this process occurs in the context of a particular construction.*

<sup>3</sup> A Gramática de Construções integra uma abordagem Funcionalista centrada no uso (conforme BYBEE, 2010), todavia, não cabe, neste artigo, discorrermos sobre tal pressuposto teórico, por isso nos limitaremos a fazer considerações sobre a Teoria Clássica de Gramaticalização.

desenvolver eventualmente dentro “homofones” (HEINE *et al*, 1991, p. 71-72, tradução nossa).

Na perspectiva da gramaticalização, as variáveis são tidas como co-ocorrentes e não como concorrentes nos sistemas linguísticos, isto é, entende-se que, no âmbito de uma comunidade de fala, é possível vislumbrar a convivência de novos usos com formas antigas, apreendendo modos diferentes de o falante expressar um mesmo construto informacional ou procedural.

Ainda sobre padrões de análise de gramaticalização, Heine e Kuteva (2007) especificam um grupo de fenômenos que caracteriza as expressões que se submetem a gramaticalização:

a) Extensão: surgimento de um novo significado gramatical quando expressões linguísticas são estendidas a um novo contexto;

b) Dessemantização: perda de parte do significado original da expressão que é incompatível com o novo contexto;

c) Descategorização: perda de características morfosintáticas de uma forma original; e

d) Erosão: redução fonética, coalescência.

Tais parâmetros de gramaticalização são utilizados em pesquisas sob a perspectiva da Teoria Clássica de Gramaticalização e fornecem subsídios para a afirmação de que determinado item ou construção esteja gramaticalizado ou esteja sofrendo gramaticalização. Para isso, não é preciso que o fenômeno linguístico apresente necessariamente as quatro características elencadas.

A frequência de uso de uma determinada construção é que contribui para a ocorrência da gramaticalização desse padrão linguístico que passa a compor um esquema mental acessível aos falantes devido a propagação da nova forma em toda a comunidade linguística, conforme elucidado por Lima-Hernandes (2010, p. 89):

É possível notar que a atuação do campo cognitivo das experiências discursivo-pragmáticas é fundamental para os deslizamentos funcionais que vão surgindo na língua. É como se dissesse que o indivíduo precisa experimentar eventos sociais e rotinizá-los para que sejam gramaticalizados.

Desse modo, pode-se considerar que, por um lado, a gramaticalização é um processo que torna a comunicação mais econômica, por outro, requer que a forma em processo de gramaticalização seja mais usada (produtiva) para ser mais desgastada e mais facilmente inferível pelos interlocutores.

Segundo Heine *et al* (1991), muitos pesquisadores utilizam de forma inadequada algumas terminologias, tais como: reanálise, sintaticização, *bleaching* [desbotamento] semântico, enfraquecimento semântico, *fading* [desaparecimento gradual] semântico, condensação, redução etc, como sinônimas de gramaticalização, enquanto que, na realidade, tais conceitos consistem em apenas características do processo de gramaticalização.

Cabe ainda ressaltar que há muitos outros fenômenos de natureza morfossintática que se relacionam estreitamente ao paradigma da gramaticalização e comumente são confundidos com ele, como é o caso da “lexicalização”. *Grosso modo*, a lexicalização consiste num fenômeno contrário à gramaticalização, ou seja, trata-se da passagem de um item [+gramatical] (abstrato) para um item [-gramatical] (concreto). Nesse sentido, é importante alertar para o fato de que “[...] todo fenômeno de gramaticalização pressupõe mudança, mas nem toda mudança pressupõe gramaticalização” (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES e CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 66).

### 2.3 TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

Croft (2003) afirma que o termo “tipologia” tem definições diversas, tanto na área de linguística quanto fora dela. O autor, então, apresenta três definições linguísticas existentes e comenta sobre cada uma delas. A primeira constatação que o autor faz é que a maioria das definições linguísticas de tipologia refere-se à classificação de tipos estruturais entre línguas. Essa definição é tida como “classificação tipológica”. Uma segunda definição de tipologia é o estudo de padrões que ocorrem sistematicamente entre línguas. Esses padrões são denominados “universais linguísticos”. A terceira e última definição linguística de tipologia é que ela representa uma abordagem ou teoria para o estudo de língua, contrastando com outras abordagens, tais como o estruturalismo americano e a gramática gerativa.

Nessa última definição, tipologia é considerada, portanto, como uma “abordagem de teoria linguística” ou, mais precisamente, uma metodologia de análise que suscita diferentes tipos de teorias linguísticas encontradas em outras abordagens. Segundo Croft (2003, p. 2), “essa visão sobre Tipologia está intimamente aliada ao **Funcionalismo**, a perspectiva pela qual estruturas linguísticas devem ser explicadas primeiramente em termos de função linguística” (grifo do autor, tradução nossa)<sup>4</sup>. Tal relação é tão evidente que é comum a tipologia ser denominada como uma abordagem funcional-tipológica.

Croft (2003, p. 2, tradução nossa) esclarece ainda que

As três definições linguísticas de tipologia correspondem aos três estágios de qualquer análise científica empírica. Classificação tipológica representa a observação de um fenômeno empírico (língua) e classificação do que nós observamos. Generalização tipológica – universais linguísticos – é a formação de generalização sobre nossas observações. E a abordagem funcional-tipológica desenvolve explicações acerca das generalizações sobre as quais nós temos observado. Nesse sentido, tipologia representa uma abordagem **científica empírica** do estudo da língua<sup>5</sup>.

Segundo Comrie (1989), a princípio, aparentemente, o estudo de universais linguísticos e o estudo de tipologia linguística são opostos. Há uma tendência em dizer que o primeiro estuda as similaridades entre as línguas e o segundo estuda as diferenças entre as línguas. Na prática, porém, ambos os estudos procedem em paralelo: linguistas que são interessados em universais linguísticos também se interessam em tipologia linguística. Não é possível isolar um estudo do outro. Há muito mais uma complementação do que um antagonismo entre o estudar universais e tipologia linguística.

Em suma, a tipologia linguística consiste em uma subdisciplina da linguística e trata-se de uma abordagem comparativa entre línguas num nível estrutural em todos os níveis da língua, a fim de

---

<sup>4</sup> No original: *This view of typology is closely allied to **functionalism**, the view that linguistic structure should be explained primarily in terms of linguistic function.*

<sup>5</sup> No original: *The three linguistic definitions of typology correspond to the three stages of any empirical scientific analysis. Typological classification represents the observation of an empirical phenomenon (language) and classification of what we observe. Typological generalization – language universals – is the formation of generalizations over our observations. And the functional-typological approach constructs explanations of generalizations over what we have observed. In this sense, typology represents an **empirical scientific** approach to the study of language.*

perceber semelhanças e diferenças, bem como propor possíveis hipóteses (implicacionais universais) para a descrição de línguas.

Os estudos tipológicos possibilitam compreender o funcionamento linguístico de diferentes línguas. A tipologia se caracteriza, portanto, como um recurso metodológico de análise que favorece a comparação de um mesmo fenômeno linguístico em línguas distintas, viabilizando ao analista perceber regularidades desse fenômeno entre as línguas e descrever padrões linguísticos universais.

Mediante pesquisas de cunho tipológico é que foi possível constatar que a gramaticalização, por exemplo, é um fenômeno recorrente nas línguas do mundo e que apresenta um comportamento não homogêneo entre as línguas, tal como esclarece Bisang (2011), podendo variar na interação entre pragmática e forma.

No tópico seguinte, veremos algumas pesquisas que se utilizam da comparação entre línguas românicas no estudo da gramaticalização.

### **3 PESQUISAS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ROMÂNICAS**

As línguas românicas são originadas do latim vulgar, o dialeto popular do latim falado pelos soldados, colonos e mercadores do Império Romano, distinto da forma clássica da língua falada pelas classes superiores romanas. Também denominadas línguas latinas ou línguas neolatinas, as línguas românicas atualmente são representadas pelos seguintes idiomas: o português, o espanhol (também divergido como castelhano), o italiano, o francês e o romeno. Há, também, uma grande quantidade de idiomas usados por grupos minoritários de falantes, tais como o aragonês, o galego, o asturiano, o leonês, o mirandês, o vênето, o lígure, o siciliano, o piemontês, o napolitano, o sardo, o occitano e o romanche (cf. METZELTIN, 2004).

Dentre os trabalhos encontrados sobre gramaticalização entre línguas românicas, selecionamos o artigo de Lamiroy e Mulder (2011) que traz um estudo comparativo entre o Francês, o Italiano e o Espanhol. Segundo os autores, os processos de gramaticalização podem ser mais avançados em uma língua do que em outras línguas da mesma família. Para evidenciar essa

afirmação, eles apresentam o estudo de dados elucidativos referentes a áreas centrais da gramática: auxiliares, tempo e modo, as sentenças existenciais, e os demonstrativos. Apesar de abordar apenas essas áreas, afirmam que a mesma tendência também vale para outras áreas, como a ordem das palavras, preposições, etc.

Embora, haja ocorrências de fenômenos gramaticalizados no Espanhol, como é o caso do desenvolvimento de um auxiliar de futuro a partir do verbo de movimento “ir”, tal como em *Va a llover* (Vai chover), assim como ocorreu no Português e no Francês, ao contrário do Italiano, Lamiroy e Mulder (2011) afirmam que há uma tendência, na maioria dos casos, de o Espanhol ser considerado a língua mais conservadora no quesito gramaticalização.

Diante de uma análise mais geral, predominantemente, há evidências significativas para defender claramente a favor da hipótese de que, apesar de tudo, o Francês é mais gramaticalizado que o Italiano e o Espanhol. Um exemplo bem conhecido é o da palavra *Casa* (em Latim), que se gramaticalizou na preposição francesa *chez* “em”, ao passo que espanhóis e italianos mantiveram *Casa* com o significado substantivo de “casa”. Outra ocorrência em questão é o substantivo latino *homo* “homem”, que em Francês se gramaticalizou para o pronome indefinido *on* (por exemplo, Fr. *On ne vit qu'une fois* “Isto vive apenas uma vez”), o que não aconteceu em nenhuma das outras línguas românicas. Além disso, em Francês, o mesmo pronome *On* foi a fonte de um segundo processo de gramaticalização, de modo que agora ele também funciona como um equivalente do pronome de primeira pessoa do plural *nous* (por exemplo, *on part* “estamos partindo”).

Após a análise de diferentes casos, os autores, então, sugerem que o Francês, o Italiano e o Espanhol são gramaticalizados em graus diferentes, com o Francês sendo mais gramaticalizado do que o Italiano e o Espanhol; e o Italiano mais do que o Espanhol (conforme (1)):

(1) Francês > Italiano > Espanhol

Analisando dados um pouco mais específicos, os artigos de Poggio (2002, 2003) apresentam um estudo sobre a gramaticalização de preposições do Latim ao Português<sup>6</sup>. A autora chega a diversas constatações:

a) há preposições cujas formas desapareceram, embora seus conceitos passaram a ser expressos por outras preposições ou por locuções prepositivas, tais como *apud* (ante, perto de, junto de, diante de), *propter* (por), *coram* (ante) e *usque* (até que);

b) há preposições cujas formas desapareceram, mas são empregadas na língua portuguesa como prefixos, embora seus conceitos tenham passado a ser expressos por preposições ou por locuções prepositivas, tais como:

- *a/ab*: preposição que denotava a noção de afastamento “a partir do exterior” do objeto”, presente no português como prefixo em abjurar, abjuração, abster, abstenção, abstrair, abstração e outros;
- *e/ex*: preposição que denotava “afastamento a partir do interior”. Do mesmo modo que *ab*, *ex* desapareceu como preposição e se conservou como prefixo, como se observa nos exemplos: exaltar, exaurir, explodir, ou indicando estado, profissão ou emprego: ex-tuberculoso, ex-catedrático, ex-presidente;
- *extra*: A preposição *extra* significava “fora de” (sentido próprio) e “fora de” (sentido figurado). Em português, *extra* mantém-se apenas como prefixo: extraordinário, extrapolação, em palavras com a acepção de “muito bom”, e, como vocábulo independente, substantivado, em contextos específicos, como: “serviço avulso e/ou fora do horário normal de trabalho”, “ator figurante”;
- *intra*: preposição latina sempre empregada na acepção espacial de “no interior de”, e modernamente é bastante produtiva na formação de compostos, particularmente, no campo da Biologia: intramedular, intramuscular, intravenoso;

<sup>6</sup> Vale acrescentar a pesquisa de Barreto (2008), *Estudo da gramaticalização de preposições que expressão os conceitos de direção, localização e percurso no português e italiano*, que se assemelha bastante à pesquisa de Poggio (2002, 2003) e também utiliza uma abordagem comparativa entre línguas.

- *juxta*: sendo empregada, inicialmente, na acepção de “ao lado de”, sem movimento, passou depois ao sentido temporal de “imediatamente depois” e ao sentido figurado de semelhança “quase igual a” e conformidade “conforme”. Em Português, a forma *justa*- aparece como elemento composicional, do latim *juxta* (“perto de”, “ao lado de”), documentado em vocábulos portugueses eruditos, introduzidos a partir do século XIX: *justafluvial* (XX), *justalinear* (XX), *justapor* (XX), *justaposto* (XX) etc.
- *ultra*: usa-se a preposição *ultra* com verbos de movimento para indicar uma linha divisória ou fronteira que se traspassa (“do outro lado”, “mais além”) ou com verbo de repouso para assinalar o que sucede atrás da referida linha. Em português, *ultra* é elemento composicional do latim *ultra* “para além de”, “em excesso” que se documenta em alguns derivados e compostos introduzidos, sobretudo, a partir do século XIX, na linguagem erudita, como: *ultrajante* (XIX), *ultrajar* (XVII), *ultraje* (XIX), *ultramar* (XVII), *ultrapassado* (XIX), *ultrapassagem* (XX), *ultrapassar* (XIX), *ultra-romântico* (XX), *ultra-sensível* (XX), *ultra-som* (XX), *ultravioleta* (XIX) etc.

c) há preposições cujas formas sofreram mudanças na sua passagem para o Português<sup>7</sup>;

d) há casos em que duas preposições latinas uniram-se dando origem a apenas uma forma em Português<sup>8</sup>.

Os artigos de Poggio (2002, 2003) constataam que a gramaticalização das preposições ocorre tanto mediante alterações gramaticais, quanto através de alterações semânticas. Essa pesquisa certamente contribui para um melhor conhecimento da história das preposições na passagem do Latim para as línguas românicas.

<sup>7</sup>A fim de exemplificar esse grupo de preposições pode-se citar o trabalho de Said Ali (1971) *apud* Oliveira (2010) que apresenta preposições que passaram para o português com suas formas modificadas: *ad* > *a*, *post* > *pós*; *cum* > *com*; *inter* > *antre*, *entre*; *sine* > *sem*; *trans* > *trás*; *pro* > *por*; *secundum* > *segundo*; *in* > *em*; *sub* > *sob*, *so*; *super* > *sobre*, etc.

<sup>8</sup> Nos artigos de Poggio (2002, 2003), a autora não traz exemplos e comentários acerca desses dois últimos grupos de preposições e não nos foi possível localizar a tese da autora que trata da mesma pesquisa.

Seguindo a mesma perspectiva, porém, abordando dados distintos, o artigo de Oliveira e Cacciaguerra (2009) teve como objetivo estudar o estatuto do item “mesmo” na língua portuguesa e, mediante comparação entre o estatuto atual e os empregos herdados de sua raiz etimológica, delinear as mudanças ocorridas, comparando-o com termos correspondentes em diferentes línguas que compartilham a origem latina, a saber: *mismo* (Espanhol), *mateix* (Catalão), *même* (Francês) e *medesmo* (Italiano).

A autoras observaram que de maneira geral, nas línguas românicas pesquisadas, apesar das diferentes classificações morfossintáticas (pronome pessoal, substantivo, adjetivo, pronome indefinido, pronome demonstrativo, partícula enfática de pronomes pessoais, advérbio, participação em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas, etc), as ocorrências do item “mesmo” muitas vezes não passam de nomenclatura divergente, pois foram encontrados empregos bastante similares, com pouca variação entre as línguas.

Afirmam ainda, mediante exemplos ilustrativos das situações de usos do item “mesmo”, que há indícios de que o item ora estudado já estava fortemente gramaticalizado no Latim vulgar, e que as línguas dele oriundas herdaram estas propriedades já gramaticalizadas. Através da comparação entre as línguas latinas, as autoras também concluíram que tais línguas compartilham de um quadro bastante semelhante quanto à evolução do item “mesmo”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos elencados neste artigo proporcionam-nos vislumbrar as diversas possibilidades de pesquisas envolvendo gramaticalização e tipologia linguística. Uma dessas possibilidades consiste em estudar e comparar os graus de gramaticalização num todo de um sistema linguístico específico, tal como realizado por Lamiroy e Mulder (2011), os quais investigaram diferentes categorias gramaticais a fim de averiguar, dentre as línguas românicas estudadas, quais eram mais suscetíveis a processos de gramaticalização, e estabelecer uma escala gradiente de gramaticalização entre as línguas.

Outra possibilidade de estudo seria a investigação de categorias linguísticas específicas entre diferentes línguas, tal como realizado no trabalho de Poggio (2002, 2003), que estudou apenas a categoria gramatical de preposições.

Por fim, de natureza ainda mais específica, vimos também a possibilidade de realizar pesquisas que visem a analisar o funcionamento de apenas um item/construção comum a diferentes línguas, como foi feito por Oliveira e Cacciaguerra (2009) em seu trabalho sobre o item “mesmo”.

Mediante os estudos de casos já realizados sobre processos de gramaticalização em línguas românicas, é notável a observação que “apesar de cada língua dispor de uma lógica interna singular, [...] por contarem com os mesmos processos cognitivos, não raro encontram-se exemplos de línguas diferentes que percorrem caminhos de mudança similares” (OLIVEIRA, 2009, p. 2).

Durante o levantamento bibliográfico para a realização desse artigo, foi possível perceber, que há poucos estudos tipológicos sobre gramaticalização. Em menor quantidade ainda, são os estudos sobre gramaticalização em línguas românicas utilizando da abordagem tipológica. Destaca-se, portanto, – aos que se interessam pelo assunto – um campo de estudo carente de pesquisas e que necessita ser mais estimulado, uma vez que, os estudos linguísticos descritivos, em especial os de natureza tipológica, são sempre relevantes, pois tanto contribuem na percepção de fatores comuns nas relações entre línguas, quanto ajudam a repensar e a ampliar a classificação tradicional linguística que, em vários aspectos, deixa pontos obscuros na abordagem dada às ocorrências de usos reais da língua.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Rosana Pinho Muniz. *Estudo da gramaticalização de preposições que expressam os conceitos de direção, localização e percurso no português e no italiano*. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Salvador, 2008.

BISANG, Walter. Grammaticalization and Linguistic Typology. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 105-117.

BYBEE, Joan L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell, 2003. p. 602-623.

COMRIE, B. Language Typology. In: \_\_\_\_\_. *Language universals and Linguistic Typology: syntaxe and morphology*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989. p. 33-56.

CROFT, William. *Typology and Universals*. 2nd edn. United Kingdom: University Press Cambridge, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 17-35.

LAMIROY, Béatrice; MULDER, Walter De. Degrees of grammaticalization across languages. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 302-317.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 87-104.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 51-64.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: \_\_\_\_\_. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1912]. p. 130-148.

METZELTIN, Michael. *Las lenguas románicas estándar: Historia de su formación y de su uso*. Oviedo, 2004.

OLIVEIRA, Anna Karolina Miranda; CACCIAGUERRA, Vanessa. A gramaticalização do item “mesmo”: a mudança nas línguas românicas. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, Ano 3, Edição 1, Set./Nov. de 2009. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/anagrama/article/view/35465/38184>>. Acesso em: 19 set. 2013.

OLIVEIRA, Daniele Felizola de. Aspectos morfossintáticos das preposições portuguesas à luz do funcionalismo, *Revista Itacarahy*, Dossiê Língua, n. 2, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Daniele\\_Felizola\\_de\\_Oliveira.pdf](http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Daniele_Felizola_de_Oliveira.pdf)>. Acesso em 07 out. 2013.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. A gramaticalização na história das preposições do latim ao português, *Revista Estudos Linguísticos – Gel*, v. 32, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci210.htm>>. Acesso em: 07 out. 2013.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. Aspectos da gramaticalização na história das preposições do latim ao português, *Revista Gelne*, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_05.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_05.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramaticalização: uma visão teórico-epistemológica. Palimpsesto, *Dossiê* (2), n. 11, ano 9, p. 1-18, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.



*Submissão: 11 de junho de 2015*  
*Avaliações concluídas: 13 de julho de 2016*  
*Aprovação: 24 de janeiro de 2017*

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb; LÔBO, Célia Márcia Gonçalves Nunes. Algumas Notas Sobre Gramaticalização Em Línguas Românicas. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 01, p. 309-325 de 415, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >